

As 'Xácolas' em Montalvão
e Póvoa e Meadas
no extremo-norte alentejano

por JOSÉ PEDRO MARTINS BARATA



SEPARATA DA 'REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A: LÍNGUA
PORTUGUESA' — VOLUME XXXI — LISBOA, 1966

COTA 39/PAR
NUCLEO CIMENTADA
REGISTO 48/FUNDO Local
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE NISA

... 1971
...
...

...

As semelhanças José António Pinheiro, em tes-
temunho de similitude e simpatia,

Janeiro de 1967

off.
José António Pinheiro

O secular contacto e entendimento que tem existido entre os povos que habitam em ambos os lados do Rio Sever, rio fronteiriço que lança as suas águas no Tejo, baseados na semelhança das características, costumes e maneira de ser, levam-nos à convicção de existir um entroncamento dos dois povos no mesmo grupo étnico. Já isto foi afirmado e apresentadas as bases em que se apoia esta opinião.

Esta semelhança manifesta-se constante e, em tempos de maior facilidade de passagem da fronteira do Sever, foi íntima a familiaridade, o que deu aso à constituição de matrimónios entre as gentes de ambas as nações, com as consequentes e naturais influências mútuas.

No espaço raiano do curso mais baixo do Sever, a freguesia de Póvoa e Meadas do Concelho de Castelo de Vide e a freguesia de Montalvão do Concelho de Nisa oferecem formas curiosas desta influência, principalmente a de Montalvão, que tem em frente, do lado de lá do Sever, a povoação espanhola de Cedillo, mais conhecida entre os montalvanenses por Casalim ou Casalinho. A tradição informa que para a sua fundação muito contribuíram portugueses, que por aquelas terras se têm fixado em grande número, dando motivo a que a fala portuguesa tenha sido a fala habitual naqueles lugares. Ainda hoje a nossa linguagem é falada ou pelo menos entendida, e, apesar da obrigatoriedade do uso da língua espanhola, aqueles vizinhos de Além-Sever conservam na fala corrente intercaladas no espanhol, muitas palavras portuguesas, como «rua», «linha», «tiborna», «gafanhoto», «panêdro» pedra, «cadôrno» codôrno, por exemplo.

«Mesmo, segundo nos diz a cedilhana D. Luciana Barreto, várias máximas são ditas em português, como por exemplo estas: «Se o menino não ri ao mês o menino é parvo ou o pai que o fez»; «Pedra bolodia, musgo não cria»; para quem parte à aventura, comentam: «Onde irás tu boi, que não lavres?»; na dúvida, «Vai ser como um tio que eu tenho em Granada, que não era tio nem era nada», todas pronunciadas tal qual nós as dizemos.

A influência espanhola fez importar, pelas mesmas razões de semelhança e convivência, usos, costumes e termos na fala. No traje, vinham de lá para os homens as boinas, a bombazina preta para as calças; para as mulheres os lenços de «meia-roda», isto é, triangulares pelo corte em diagonal de um lenço quadrado, o que

dava para duas raparigas que os usavam terçados como chailles, e os lenços de «manilha», vistosos, para o casamento. Para ambos os sexos, as «sapatilhas» ou «serguilhas» de sola de corda. Isto como exemplo.

Na fala vulgar são correntes neste extremo norte alentejano as palavras espanholas «cancho» penedo, «Gravauços» certa qualidade de grão de bico, «cochino» suino, «tortilha» omelete, «sapatilha» alpargata de sola de corda, «angarelas ou engarelas» apor-tuguesamento de «angarillas» cangalhas dos burros, «cutchilha» navalha, «cutcharra» colher, «silha» cadeira, e muitas outras mais.

Actualmente a tradicional convivência entre os portugueses e espanhóis desta zona raiana está imensamente reduzida. Já lá vão longos anos desde o tempo em que a frequência de espanhóis às festas e romarias de Montalvão era em elevado número. As exigências de passagem da fronteira e a cessação das brilhantes festas e romarias de Montalvão, que praticamente acabaram quando se deu a mudança de regime em 1910, foram as principais causas deste impedimento.

Da grandiosidade tradicional destas festas, animadas por numerosos forasteiros, apenas a memória sólida dos que ainda existem e viveram naqueles bons tempos pode reproduzir os factos, com saudade.

Recordam-se as cavalhadas do S. João, com os cavaleiros-lavradores, de chapéu alto, casaca preta, calça branca, bota alta, «maroco» pelos ombros, montando cavalos de peitos cobertos por um lençol branco simulando gualdrapas, na mão a «facha» ou a cana, em correrias e jogos de destreza, reminiscências de torneios. As cavalhadas em machos, pelo Santo António, estas pelos ceareiros, e pelo S. Pedro, em burros, as dos pastores. Os «ventós» ao «meu divino S. João» agitando a sua «bandeira». As Romarias de S. Silvestre, para que nos livre da fome e da peste, a de Nossa Senhora dos Remédios padroeira de Montalvão, e, sobretudo, as cerimónias da Semana Santa, apresentavam um cunho de sobrevivência de actos religiosos de raízes medievais.

A Quaresma era período merecedor de muito respeito, durante o qual não havia bailes nem se deviam cantar as quadras populares, consideradas profanas, impróprias do tempo. Evitavam-se quanto possível as cerimónias susceptíveis de serem acompanhadas de festa, como os casamentos, por exemplo.

Todas as quintas-feiras, com excepção da Quinta-feira Santa, passada a meia-noite, para lembrar os parentes e amigos falecidos, ouvia-se a Encomendação das Almas, por grupos de três homens, calçados de alpargatas para se deslocarem sem ruído, que junto à porta da igreja matriz cantavam o «coro» em toada lenta:

Bendita e louvada seja
A sagrada Morte e Paixão
De Nosso Senhor Jesu-Cristo
Do devoto e fiel cristão.

Devotos e fieis cristãos
Amigos de Jesu-Cristo
Lembre-mos das Benditas Almas
Que no Purgatório estão

Ajudem nas a tirar
Com alguma oração.

Seja pelo Amor de Deus,
Pelo Amor de Deus seja.

Também pelos que andam
Sobre as águas do mar
Rezemos um Padre-Nosso
Para que Nosso Senhor as chegue
A porto de os salvar.

Seja pelo Amor de Deus,
Pelo Amor de Deus seja.

Etc.

Cantado o coro pelo conjunto, do grupo destacavam-se dois homens que iam ocupar novos lugares mas a alcance de ouvido. Alternadamente e em rotação, os componentes do grupo lançavam os seus «gritos». Começava o que tinha permanecido à porta da igreja:

Cristandade toda unida
Ouvi um triste gemido
As almas de avós e pais
Que estão na outra vida.
Os seus gritos estão sentindo
Vendo que não lhe rezamos
Nem uma Avé-Maria.

Outro componente do grupo «gritava»:

Tenhamos dó e compaixão
Daquela tão triste voz
Que reparta para nós
As almas que em penas estão.
São nossos pais e avós.

Segue o terceiro «grito» até completarem os dezassete, todos diferentes. Terminado o último dos dezassete gritos, o grupo deslocava-se para novos locais e recomeçava a Encomendação. E deste modo os três homens percorriam toda a povoação. Na quietação da noite, o sossego era respeitado e a Encomendação era ouvida em profundo silêncio.

Durante a Quaresma, nas casas particulares, em reuniões de família e sob a regência de um «Mestre», entoava-se o «Bendito e Louvado», a «Paixão e Morte», o «Terço cantado», a «Salvé-Rainha», as «Glórias da Virgem», etc.

Nos trabalhos de campo, sachas, mondas, etc., na ida à fonte distante encher os cântaros de água para o consumo caseiro, ou quando iam lavar a roupa ao rio, os grupos de mulheres amenizavam o serviço com os cantares, que quem canta seus males espanta. E nas lides domésticas ou ocupadas no trabalho de lances, o cantar também era necessidade. Dado que as quadras não eram próprias do tempo, cantavam-se as «XÁCOLAS», nome provavelmente corrupção de XÁCARAS.

Foi difícil, e talvez incompleta, a reconstituição das Xácolas, dada a falta do refrescamento pela repetição anual, depois de decorridas cinco décadas. Não nos consta que haja registo escrito e por isso tivemos de recorrer à memória tão fiel quanto possível de várias pessoas, algumas de bastante idade. Da recolha que conseguimos, em que se adivinham grandes mutilações, alguma coisa ficou que merece registo, ao menos para que fique lembrança de costumes de antigas eras nestas aldeias onde o tempo não tinha ainda causado alterações profundas nos usos tradicionais.

Porém, à medida que fomos recolhendo a letra destes cantares de cadência monótona, fomos reconhecendo não sem grande surpresa, que algumas Xácolas provinham do Romanceiro Espanhol. Embora em português, ainda conservavam de mistura muitas palavras espanholas a certificarem a origem.

Como teriam chegado ao conhecimento desta gente camponesa, inculta, estes Romances espanhóis? Não nos repugna ver nesta importação o fruto da convivência entre as gentes de Aquém e Além-Sever.

Porém, em que lado do Sever teriam sido tomados e traduzidos para português estes novelescos espanhóis? Também nos inclinamos a crer que tenha sido do lado de lá, onde havia o uso das duas línguas e portanto maior facilidade de obtenção e tradução ou adaptação.

Outro caso que nos causa grande admiração é o de gente devota e respeitadora, desde os maiores aos mais pequenos, como era a de Montalvão, e frisámos a circunstância, tivesse aceitado para cantar no período quaresmal, considerando-os não profanos consequentemente, alguns dos romances repassados de pecado, embora na maior parte deles haja um fim moral. E não houve autoridade, leiga ou religiosa, que os tivesse condenado.

Obtivemos a letra de catorze Xácolas, contando com uma variante. Não as transcrevemos todas completamente, não só por algumas serem muito longas mas principalmente porque se nos afigura de importância maior a notícia que damos sobre elas. Serão dadas completas as mais curtas, a de «Santa Helena Milagrosa», a sua variante «Xácola do Cego», e a do «Pobresinho», com a cópia do correspondente romance em espanhol. Proporciona-se assim a comparação e exemplifica-se para as outras.

Xácola de Santa Helena Milagrosa

Estando eu cosendo
 Na minha almofada,
 Minha agulha de ouro,
 Meu dedal de prata,
 Veio um passageiro
 Pedindo pousada.
 Se meu pai lh'a der
 Está muito bem dada.
 Mas deu-lha a minha mãe
 De quem ele não gostava
 Deu-lhe pão e vinho
 Do que ele não gostava.
 Não quero o seu pão
 Nem quero o seu vinho
 Quero que a sua filha
 Me ensine o caminho.
 Pega já na roca,
 Pega já no linho,
 Vai com o triste cego
 Ensinar-lhe o caminho.
 Não peço na roca
 Nem peço no linho
 Não vou com o cego
 Ensinar-lhe o caminho.
 Vai ó minha filha,
 Sejas bem mandada,
 Vai com o triste cego
 Ensinar-lhe a estrada.
 Quebrou-se me a roca
 Acabou-se o linho
 Vem triste cego
 Que aí vai o caminho.
 Adeus ó meu monte,

Adeus minha terra
 Adeus minha mãe
 Que tão falsa me eras.
 Adeus minha terra,
 Adeus meu monte,
 Adeus Minha mãe
 Que tão falsa me foste.
 Para ali a matou,
 Para ali a deixou,
 Coberta de mato
 Para ali ficou.
 No fim de sete anos
 Ele por ali passou.
 Que capela é aquela
 Que ali está formada?
 É a de Santa Helena
 Que morreu degolada.
 Morreu degolada
 E quem a degolou?
 Foi um passageiro
 Que por ali passou.
 Perdoai-me ó Helena,
 Amores primeiros.
 Não te perdão,
 Lobo carniceiro
 Que me degolaste
 Como a um carneiro.
 Perdoai-me ó Helena
 Que eu serei teu romeiro.
 Veste-te de azul
 E vai para o deserto.
 Se Deus te perdoar,
 Perdoar eu quero.



Antes do romance espanhol damos a variante com o nome de:

Xácola do cego

Oh! Abrem-se as portas
 Fecham-se os postigos.
 Dê-me cá um lenço
 Que eu já venho ferido.
 Pois se vem ferido
 Venha muito embora
 Que as minhas portinhas
 Não se abrem agora.

Minha mãe acorde
 Se está a dormir
 Venha ouvir o cego
 Cantar e pedir.
 Se ele pede pão
 Dá-lhe pão e vinho.
 Eu não quero pão
 Nem tampouco o vinho

Quero que a menina
 Me ensine o caminho.
 Ele não quer pão
 Nem tampouco vinho
 Quer só que eu
 Lhe ensine o caminho.
 Pega já na roca
 E também no linho
 Vai com o triste cego
 Ensinar-lhe o caminho
 Nem pego na roca
 Nem pego no linho
 Nem vou com o cego
 Ensinar-lhe o caminho.
 Vai ó minha filha
 Sejas bem mandada
 Vai com o triste cego
 Ensinar-lhe o caminho.
 Vai ó minha filha
 Sejas bem mandada,
 Vai com o triste cego
 Ensinar-lhe a estrada.
 Já pego na roca

Já pego no linho
 Vou com o triste cego
 Por esse caminho.
 Vai adiante, cego,
 Que aí vai a estrada.
 Sou curto de vista
 Não enxergo nada,
 Quero que a menina
 Venha mais além,
 Sou curto de vista
 E não vejo bem.
 Ai de mim perdida
 Da minha morada
 Também já estou cega
 Já não vejo nada.
 Adeus meus ares
 Adeus minha mão
 Que tão falsa me era.
 Adeus meu pai
 Meu amor primeiro.
 Adeus lindas flores
 Do meu jardineiro.



Do Romancero Español — Novelescos. (Leão)

ILENIA

En casa del rey mi padre
 Un traidor pide posada;
 Mi padre, como era noble,
 Muy luego se la mandaba.
 De tres hijas que tenia
 le pidió la más galana;
 Pero él le dice que no,
 Que no la tien pa casarla,
 Que la tien pa meter monja
 de la Orden de Santa Clara.
 No se la sacó por puertas,
 ni tampoco por ventanas;
 la sacó por un balcon
 a favor de una criada;
 En ancas de su caballo
 llevósela cautivada.
 En el medio del camino,
 el Traidor le preguntara:
 — Cómo te llamas, la niña;

cómo te llamas, la blanca?...
 — En casa del rey mi padre
 doña Ilenia me llamaban,
 hora por tierras ajenas
 Ilenia la desgraciada —.
 Sacó un cuchillo el traidor,
 la cabeza la cortaba,
 la tira n'un pedregal
 donde andaban cosas malas;
 Della salió una hermitica
 muy blanca y muy dibujada;
 de los cascos, las paredes,
 la teja para tejlarla.
 Vanse dias, vienen noches
 y el traidor por allí pasa.
 — Decime, los pastorcillos,
 donde el ganado repasta,
 de quién es esa hermitica
 tan blanca y tan dibujada?
 — Esta hermitica es de Ilenia,
 n'el monte fue degollada.

— Si esta hermitica es de Ilenia
vamos todos a adorarla.
Perdoname tú, Ilenia,
por ser el tu amor primero.
— No te perdonaré yo
ni tampoco el rey del cielo.

Vete a aquel altar mayor
y enciéndeme un candelero. —
Mientras que la vela ardia,
el traidor iba muriendo;
La figura queda allí,
Cuerpo y alma pa el infierno.



Xácola do Pobresinho

Vindo um lavrador do campo,
Ó bom Jesus!
Encontrou um pobrezinho,
Encontrou um pobrezinho.
O pobre lhe disse,
Ó bom Jesus!
Leve-me no seu carrinho,
Leve-me no seu carrinho.
O lavrador se desceu,
Ó bom Jesus!
A amontar o pobrezinho,
A amontar o pobrezinho.
Levou-o para sua casa,
Ó bom Jesus!
Para o melhor quarto que tinha,
Para o melhor quarto que tinha,
Mandou fazer-lhe a ceia,
Ó bom Jesus!
Dos melhores manjares que tinha,
Dos melhores manjares que tinha.
Mas quando foram para comer,
Ó bom Jesus!
O pobrezinho não comia,

O pobrezinho não comia.
Mas quando foram para rezar,
Ó bom Jesus!
Que lindo rezar tinha,
Que lindo rezar tinha.
Mandou fazer-lhe a cama,
Ó bom Jesus!
Das melhores roupas que tinha,
Das melhores roupas que tinha.
Lá por essa noute adiante,
Ó bom Jesus!
O pobrezinho gemia,
O pobrezinho gemia.
Levantou-se o lavrador,
Ó bom Jesus!
A ver o que o pobre tinha,
A ver o que o pobre tinha.
Achou-O crucificado,
Ó bom Jesus!
Numa Cruz de prata fina,
Numa Cruz de prata fina.
Ó meu Deus, quem tal diria!
Ó bom Jesus!



El labrador y el pobre — Novelescos. (Astúrias)

Camina un labrador
tres horas antes del día,
y se encontró con un pobre
que muy cansado venía;
el labrador se apeaba,
y el pobre se montaría.
Le llevó para su casa,
y de cenar le daría;
de tres panes de centeno,
porque de otro no tenía,

cada bocado que echaba
de trigo se le volvía.
A eso de la medianoche,
que el labrador no dormía,
se levantaba en silencio
por ver lo que el pobre hacía.
Le estaban crucificando:
La cruz por cama tenía.
! Oh! quien lo hubiera sabido!
Yo mi cama le daría.



Verifica-se a origem de ambas as Xácolas, tanto pelo nome como pela substância. As alterações da forma seriam devidas a ter o original chegado já deturpado ao conhecimento de quem as traduziu, a remendos dados para corrigir esquecimentos no decorrer dos anos, ou a termos presente apenas uma adaptação?

Outra Xácola, a da «Guerra de Aragão», tem a sua base no romance asturiano «La Niña Guerrera», e é muito conhecida noutra versão. Nela aparecem palavras espanholas com frequência. Damos umas passagens.

Xácola da Guerra de Aragão

Grandes guerras se apregoam
Lá nos campos de Aragão.
Ai de mim que já estou velho
Não as posso vencer, não.
De tres filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão.
Responde a filha mais nova
Em lugar da mais velha:
Cale-se ó pai da minha alma
Que eu lhe vou vencer a guerra.
Tendes o cabelo mui belo
Filha, reconhecer-vos vão,
.....
.....

O meu andar, senhor pai,
Lindo remédio terá.
Quando passar pelos hombres
Terei andar de dragão,
.....
.....
Ó meu padre, ó mim madre,
Eu por amores me morro,
Os olhos de D. Marquês
São de mulher, que não de hombre.
Levai-o vós, ó meu filho,
Levai-o a uma feira,
.....
.....



Do romance a Niña Guerrera:

Estaba un buen dia un viejo
Sentado en un campo al sol.
— Pregonadas son las guerras
de Francia con Aragon...
Como las haré yo, triste
viejo, cano y pecador? —
De allí fue para su casa
echando una maldicion.
— Reventarás tú, María,
por medio del corazón;
que pariste siete hijas

y entre ellas ningun varon! —
La mas chiquita de ellas
salió con buena razon:
— No la maldigais, mi padre,
no la maldigais, non;
Que yo iré a servir al rey
en hábitos de varón.
.....
.....
.....



A Xácola do «Conde de Alardo», provém do romance Del Conde de Alarcos, que é dos mais longos, e de que damos o início:

Muito triste anda a princesa
Muito triste á maravilha,

De seu pai a não casar
Com o rapaz que ela queria.

Já corri o meu reinado
 Não achei quem te pretendia
 Senão o Conde de Alardo
 Que mulher e filhos tinha.
 Esse mesmo é que eu quero
 Esse mesmo é que eu queria
 Mandê-me aqui chamar
 Que venha jantar um dia.
 Lá para o meio do jantar
 Ele lhe procuraria;
 O que quer Vossa Alteza
 Vossa Real Senhoria.

Quero que mates a Condessa
 Para casares com a minha filha.
 Isso não farei eu
 Que ela morte não merecia,
 Mandarei-a ao seu pai
 Que ela lá lugar teria.
 Não quero isso, Conde do Alardo,
 Não quero isso, vida minha.
 Quero que mates a Condessa
 Para casares com a minha filha,

No romance del Conde de Alarcos,

Retraida está la infanta
 bien así como solia,
 viviendo muy descontenta
 de la vida que tenia
 viendo que ya se pasaba
 toda la flor de su vida,
 y que el rey no la casaba,
 ni tal cuidado tenia.

 Qué es aquesto, la infanta?
 Que es aquesto, hija mia?

contadme vuestros enojos,
 no tomeis melenconia.

 porque en todos los mis reinos
 vuestro par igual no había,
 si no era el conde de Alarcos,
 hijos y mujer tenia.
 — Convidadlo vos, el rey,
 al conde de Alarcos un dia
 etc.

Este romance é muito longo na versão portuguesa e muito mais longo no original espanhol. Os trechos deles que oferecemos mostram o bastante para se apreciar a relação que há entre ambos, mesmo que o nome não bastasse.

Outra Xácola, a da Delgadinha, tem o mesmo nome do romance espanhol, o romance andaluz da Delgadiña. É notável a presença de palavras espanholas na versão portuguesa, aqui aceites com a maior naturalidade, como se fossem portuguesas.

Eis o início da Xácola e o do correspondente romance espanhol:

Xácola da Delgadinha

Estando um dia a jantar,
 Meu pai muito me mirava.
 Que me mira, Senhor pai,
 Esta minha feia cara?
 Miro-te que es minha filha
 E has de ser minha namorada.
 Não permita Deus do Céu,
 Nem pela Virgem Sagrada
 Que eu seja sua filha
 E também sua namorada,

Vão me prender a Delgada.
 Dêem-lhe pão por ração
 Carne de porco salgada.
 E para mais ela se mirrar
 Não lhe dêem gota de água.
 Foi-se dali Delgadinha
 Muito triste e desconsolada.
 Mas d'aí a alguns anos
 Aquela sala tornava.
 Viu estar suas manas

Cosendo numa almofada.
 Ó irmanas, ó irmanas,
 Irmanas da minha alma,
 Pelo amor de Deus vos peço
 E mais pela Virgem Sagrada,
 Que a sêde, que não a fome,
 Que me deis um jarro de água.

Como t'a daremos nós
 Irmana da nossa alma
 Se o ladrão do nosso pái
 Água nos tem quitada?

 etc.

O Romance andaluz de Delgadina:

El buen rey tenia tres hijas
 muy hermosas y galanas;
 la má chiquitina dellas
 Delgadina se llamaba.
 Delgadina de cintura,
 tú has de ser mi enamorada.
 — No lo quiera Dios del cielo
 ni la Virgen soberana
 que yo enamorada fuera

del padre que me engendrara —
 El padre, que tal oyó,
 la encerrara en una sala.
 Non la daban de comer
 más que de carne salada;
 non la daban de beber
 sino zumo de naranja
 etc.

A última Xácola de que temos o correspondente no Romancero Español é a do Soldadinho, que começa:

O que tens ó soldadinho
 Que andas tão triste na guerra?
 Lembra-te pai ou mãe,
 Ou alguem da tua terra?
 Não me lembra pai nem mãe
 Nem ninguem da minha terra.
 Só me lembra a minha amada
 Que é uma linda donzela.
 Sete anos te darei
 Para ires casar com ela.

Depois desses sete anos
 Torna outra vez á guerra

 Vou ver a minha amada
 Que há anos que a não vi.
 Tua amada é já morta
 É morta que eu bem a vi.

 etc.

No romancero tem o correspondente no «Romance del amor y la muerte»:

En el tiempo que me vi
 más alegre y placentero
 encontré con un palmero
 que me habló y dijo así:
 — Donde vas, el caballero
 Muerta es tu linda amiga

muerta es que yo la vi;
 las andas en que ella iba
 de luto las vi cubrir

 etc.



Das outras Xácolas não conhecemos correspondente no Romancero Español, embora sejam do mesmo género. Delas damos o início, como nos propusemos.

Xácola de D. Carlos de Grená

Aposto, meu pai, aposto	Nem te deites a apostar
E queira bem apostar	Que Mariana é muito fina
Que hei-de dormir com Mariana	Não se deixa enganar
Antes do galo cantar.
Não apostes ó meu filho

Xácola de D. Luís

A mulher de D. Luís	Trazia-a muito bem guiada.
Anda muito em segredo	Chegara-se ao seu jardim
A volta do seu jardim	Pedira-lhe um copo de água.
Penteando o seu cabelo.	Um lindo amor que eu tinha
Pente de ouro na mão	Não no viu lá nessa Armada?
Seu cabelo penteava.
Deitou os olhos ao largo
Viu despedir uma armada	etc.
Capitão que nela vinha



Xácola da Cidade de Clamor

Na cidade de Clamor	Era uma missa rezada.
Na maior que tinha a Espanha,	Quando se acabou a missa
Passeia um cavalheiro	Ele logo se levantou
Um cavalheiro de fama.	Entre as portas do convento
Onde vai ele ouvir missa?	Uma freirinha o esperava.
Ao convento de Santa Clara
Pois o padre lh'a dizia
Como era costumada.	etc.
E a missa que lhe dizia



Xácola do conde de Aramenha

Todos falavam nas Côrtes	Que o Senhor conde de Aramenha
Uns para os outros diziam	De ouro te ha-de cobrir.
Mal-o-hajam as mulheres	Não quero vestidos de ouro
Nas que os homens se fiam.	Que já os tenho de Damasco
Mas não sabia el-rey	Ainda tenho o meu pai vivo
Nem condes, ninguém sabia	E já me quer dar padrasto.
Só sabia Juliana
Juliana sua filha.
Só te peço, Juliana,	etc.
Que me queiras encobrir,



Xácola de Tunilhas

Vindo pela rua abaixo
Indo por outra acima
Vi estar uma menina
Muito linda á maravilha.
Lá por essa noite adiante
Cavalheiro á porta batia.
Oh! Quem bate á minha porta

Que esta hora me temia?
Não procuro por D. Ana
Procuro só por sua filha,
.....
.....
etc.



As duas Xácolas restantes são a da Pomba sem Fel e a do Bernardo Francês, maneira de dizer do Bernal Francês.

Xácola da Pomba sem Fel

Era uma pomba sem fel
Que vivia com sua mãe.
Mas esta não queria
Que ela amores tivesse,
Mas ela tinha-os ás escondidas.
Sem que sua mãe soubesse.
Ali andaram nove meses
Sem haver maior novidade

Mas no fim dos nove meses
Deu-lhe Deus uma enfermidade
E chamava-se febre amarela.
Chamou a mãe á cabeceira
Chamou-a com grande dor
.....
.....
etc.



Xácola de Bernardo Francês

Estando eu na minha cama
No melhor do meu dormir
Quando á porta me bateram
Quem será, quem seria?
Se é D. Bernardo Francês
Minha porta se vai abrir
Se é outro cavalheiro
Tire-se já d'aí.
Sou D. Bernardo Francês
Tua porta vem abrir.

Ao descer da sua escada
Apagou-se lhe o candil.
Ao abrir a sua porta
Deu-lhe um desmaio e caíu
O marido, como o manda,
Para a sua cama a levou
.....
.....
etc.

Eis quantas Xácolas nos foi possível identificar e, na nossa opinião, não deve haver outras mais que fossem cantadas durante a Quaresma nestas duas freguesias no extremo norte alentejano.

Fizemos as diligências necessárias junto das pessoas de idade e daquelas que sendo mais novas se recordavam dos títulos de algumas Xácolas. Entre aquelas que se recordavam, dumas para as outras havia variações. Umás esqueciam determinadas passagens que outras citavam. Isto não importará grandemente. O que desejamos marcar é a notícia destes usos em tempos relativamente recentes mas que não voltam mais.